

Linguística e Literatura – Diálogos Possíveis / *Linguistics and Literature – Possible Dialogues*

Camila de Fátima Rosa ¹

Graduada e Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual de Londrina. Atuo na área de Linguística. Bolsista CAPES.

 <https://orcid.org/0009-0008-9673-2332>

Maria José Guerra de Figueiredo Garcia ²

Docente do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina, Paraná, Brasil. Doutora em Linguística, pós-doutora em Ciências da Comunicação. Atuo na área da linguística.

 <https://orcid.org/0009-0008-2619-9560>

Marcelo Silveira ³

Docente do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina, Paraná, Brasil. Doutor em Filologia e Língua Portuguesa. Atuo na área da linguística.

 <https://orcid.org/0000-0002-6084-1325>

Recebido em: 25 fev. 2025. **Aprovado** em: 06 ago. 2025.

Como citar este artigo:

ROSA, Camila de Fátima; GARCIA, Maria José Guerra de Figueiredo; SILVEIRA, Marcelo. Linguística e Literatura – Diálogos Possíveis. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 14, n. 1, e6353, nov. 2025. DOI: 10.5281/zenodo.17504523.

RESUMO

As relações entre linguística e literatura têm sido objeto de debate desde o surgimento das Ciências da Linguagem no século XX, revelando aproximações e tensões entre os estudos do discurso e os estudos da forma. Este artigo propõe uma reflexão crítica sobre essas inter-relações, com base em dois referenciais teóricos distintos e complementares. De um lado, explora-se a contribuição de Roman Jakobson, representante da Escola de Praga, que analisa a função poética da linguagem sob uma perspectiva estrutural-funcionalista. De outro, examina-se a abordagem da linguista brasileira Maria Helena de Moura Neves, que utiliza textos literários como ponto de partida para explicitar mecanismos gramaticais e pragmáticos da língua em uso. A pesquisa, de natureza bibliográfica, recorre à análise de excertos literários de autores como Paulo Leminski, Ricardo Ramos e Machado de Assis. O estudo evidencia como a função poética, em Jakobson, e a função metalinguística, em Moura Neves, estabelecem uma via

¹ camila.fatima.rosa@uel.br

² majogue@uol.com.br

³ celosilveira@uel.br

de mão dupla entre literatura e linguística, na qual ambas as áreas contribuem para a compreensão dos fenômenos da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Linguística; Metalinguagem; Poética.

ABSTRACT

The relationship between linguistics and literature has been the subject of debate since the emergence of Language Sciences in the 20th century, revealing both convergences and tensions between discourse studies and studies of form. This article proposes a critical reflection on these interrelations, based on two distinct and complementary theoretical approaches. On one hand, it explores the contribution of Roman Jakobson, a representative of the Prague School, who analyzes the poetic function of language from a structural-functional perspective. On the other, it examines the work of Brazilian linguist Maria Helena de Moura Neves, who uses literary texts as a starting point to explain grammatical and pragmatic mechanisms of language in use. This bibliographic research includes the analysis of literary excerpts by authors such as Paulo Leminski, Ricardo Ramos, and Machado de Assis. The study shows how Jakobson's poetic function and Neves's metalinguistic function establish a two-way relationship between literature and linguistics, in which both fields contribute to a deeper understanding of language phenomena.

KEYWORDS: Literature; Linguistics; Metalinguistic; Poetic.

1 De Praga ao Funcionalismo Contemporâneo – a linguística e a poética

Este trabalho tem como ponto de partida a leitura e a reflexão sobre estudos clássicos da linguística, especialmente textos de Roman Jakobson (1972) e Roland Barthes (2004), que discutem as relações entre linguística e literatura. A partir desses estudos, busca-se investigar como o diálogo entre essas duas áreas pode ser concebido, destacando a contribuição de Jakobson e da Escola de Praga para a compreensão dos mecanismos linguísticos subjacentes à produção literária. Assim, este artigo pretende fornecer elementos para uma reflexão sobre as relações entre a linguística e a literatura, de modo a fomentar o debate acerca dos limites e das interseções entre essas duas áreas das Ciências Humanas. Trata-se de uma proposta de reflexão não apenas sobre essas relações, mas também sobre como os olhares e as vozes das humanidades dimensionam ambas as áreas.

A partir das ideias de Jakobson (1972) sobre funções da linguagem, essa abordagem inicial soma-se outra perspectiva, representada pelas análises gramaticais evidenciadas em obras literárias, segundo a linguista Maria Helena de Moura Neves (2018). Nesse contexto, a função metalinguística articula-se à função poética, reforçando a relação intrínseca entre o gramatical e o literário. O trabalho da autora insere-se na tradição que utiliza versos e trechos literários como exemplos em compêndios gramaticais, mas atualiza esse legado ao incorporar os modelos da gramática sistêmico-funcional do século XXI.

Jakobson, por seu turno, propõe uma teoria que estabelece critérios linguísticos para a análise da literatura. Ele mostra como as estruturas sintáticas do texto poético revelam articulações entre sintagma e paradigma, cujos desvios geram metáforas e metonímias.

Neste contexto, esta pesquisa busca ampliar o debate entre linguística e literatura, agora também sob a perspectiva funcionalista de Moura Neves. A autora aborda aspectos pragmáticos da linguagem e, por meio da análise de obras literárias, propõe uma leitura gramatical orientada pelo uso. Para ela, compreender a linguagem é compreender seu uso e os efeitos de sentido produzidos em contextos diversos, entre os quais se destaca o texto literário.

É importante sublinhar que Roman Jakobson é um dos pilares da Escola de Praga, berço do funcionalismo linguístico. Juntamente com Troubetskoi e Karcevskij, fundadores do Círculo Linguístico de Praga, Jakobson redimensiona o conceito saussuriano de valor como diferença, atribuindo-lhe uma função comunicativa. Com isso, as identidades linguísticas passam a ser concebidas como diferenças funcionais. Essa perspectiva funcionalista é posteriormente levada aos Estados Unidos, sendo reelaborada pela linguística anglo-americana no contexto da pragmática. Nesse novo enquadramento, o signo deixa de ser valor e passa a ser representação – ou seja, algo que representa algo para alguém.

Embora Moura Neves se inscreva no funcionalismo contemporâneo de base pragmática, há um alguns pontos comuns entre as propostas da autora e as de Jakobson. Apesar das diferenças epistemológicas, ambos os linguistas partem do contexto da comunicação, do uso, para dimensionar a língua, e consideram as articulações entre linguística e literatura como temas centrais no campo da linguagem, dando novos contornos nos debates atuais.

Para cumprir o objetivo proposto, este trabalho organiza-se em quatro capítulos. Os dois primeiros aprofundam as noções de Jakobson e da Escola de Praga. O terceiro analisa o discurso poético à luz dos conceitos linguísticos de Jakobson e de outros autores saussurianos. O quarto capítulo apresenta uma abordagem funcionalista, baseada nos estudos de Moura Neves, explorando o texto literário como campo de evidência dos recursos gramaticais – numa articulação entre poética e metalinguagem que reafirma o vínculo entre linguística e literatura.

A abordagem ampla das propostas de Jakobson permite compreender a tradição dos estudos poéticos iniciada com o Círculo de Moscou e prolongada em autores como Barthes. Já a análise da obra de Moura Neves aponta caminhos para investigações que não se esgotam neste artigo, mas que aqui encontram um ponto de partida para reflexão e debate.

2 As Funções da Linguagem

Antes de aprofundar as relações entre linguística e literatura e a contribuição de Jakobson para tais estudos, é necessário compreender alguns mecanismos da língua propostos por Saussure, os quais fundamentam o pensamento de autores como Jakobson, integrante da Escola de Praga. Edward Lopes, na obra *Identidade e Diferença* (1997), estabelece diversas conexões entre as ideias de Saussure e Jakobson aplicadas à literatura, destacando que, muitas vezes, tais relações foram mal compreendidas: “conexões frequentemente mal estabelecidas entre linguística e literatura” (Lopes, 1997, p. 30). Essa afirmação de Lopes, somada à feita por Barthes, que destaca os “tabus dos domínios reservados” (2004, p. 204) no campo da linguagem, mostra que é essencial indagar se as fronteiras impostas quase consensualmente entre o linguístico e o literário são realmente adequadas às ciências contemporâneas.

Tanto o pensamento de Barthes, quanto de Jakobson, como explica a obra *Identidade e Diferença* (1997), são devedores às ideias expostas por Ferdinand Saussure. A partir da publicação do *Curso de Linguística Geral* (1995 [1916]), no início do século XX, as ideias saussurianas disseminaram-se por diferentes centros acadêmicos, originando diversos Círculos Linguísticos na Europa e nas Américas, como o Círculo Linguístico de Yale (Paveau; Sarfati, 2006). Dois desses círculos interessam particularmente a este trabalho: o de Moscou e o de Praga. Neste último, “junto a Troubetskoi e Karcevskij, Jakobson dá início à fonologia moderna e redimensiona a questão das diferenças significativas como diferença funcional” (Guerra; Silveira, 2017, p. 170).

Da mesma forma que Saussure, Jakobson parte do princípio de que a língua é um fato social, e por isso cumpre uma função comunicativa. Com base nessa ideia, e nos estudos de Karl Bühler, ele reformula o conceito de funções da linguagem. Bühler propõe, inicialmente, três funções – expressiva, apelativa e representativa – associadas, respectivamente, ao remetente, ao destinatário e ao referente (Jakobson, 1972, p. 126). Jakobson reelabora essa proposta e acrescenta outras três funções: fática, metalinguística e poética.

A contribuição decisiva de Jakobson está em recolocar a proposta de Bühler na língua e no discurso, acrescentando o ponto de vista linguístico a essas

funções. Para isso Jakobson acrescenta as funções metalinguística e poética, referindo-se especificamente à linguagem (Guerra; Silveira, 2017, p. 172-173).

Desse modo, Jakobson identifica seis fatores da linguagem – remetente, destinatário, mensagem, código, contato e contexto – aos quais correspondem seis funções: emotiva, conativa, poética, metalinguística, fática e referencial. Toda forma de comunicação envolve esses elementos; no entanto, conforme um deles se destaca, a função correspondente assume primazia. A função metalinguística, por exemplo, prevalece quando há ênfase no código; a poética, quando o foco recai sobre a mensagem; a fática, quando o destaque está no canal. Como sintetizam Guerra e Silveira:

Há, também, a função fática, que enfatiza o canal, dá realce ao meio de expressão que moldará a substância do significante. Configuram-se, dessa forma, funções discursivas que giram em torno do emissor (função emotiva), do receptor (função conativa), do canal (função fática), do contexto (função referencial), do código (função metalinguística) e da mensagem (função poética) (Guerra; Silveira, 2017, p. 173).

Um dos pilares da reflexão aqui elaborada é o conceito de função poética. É a função poética que busca, na sintaxe, os mecanismos essenciais de composição do verso; para Jakobson, os segredos do verso estão na sintaxe. A função poética permite compreender as construções linguísticas e os efeitos específicos gerados no discurso literário. Jakobson, com base em Saussure, retoma os conceitos de sintagma e paradigma – talvez, o mais gramatical dos conceitos saussurianos –, entre outros, e confere à produção poética uma dimensão linguística e gramatical, refutando a noção simplista de que a poesia se define apenas como um desvio da norma (Guerra; Silveira, 2017, p. 174). Como afirma Roland Barthes (2004, p. 204): “Jakobson deu um belíssimo presente à literatura: deu-lhe a linguística”.

É nesse aspecto, referente às funções da linguagem, que é possível adiantar algumas observações sobre os trabalhos de Moura Neves, bem como sobre as convergências e divergências teóricas e epistemológicas entre a linguista brasileira e o linguista russo. Ambos trabalham com dois pontos essenciais e nem sempre associados: a gramática – a metalinguagem – e a literatura. Pontos que, normalmente, são dissociados nos estudos da linguagem e que, sob olhares teóricos divergentes – um saussuriano e outro pragmático –, apontam que o verso é feito de frases, e que as frases sempre obedecem a uma estrutura gramatical. Trata-se das funções poética e metalinguística, que se cruzam no discurso literário. Ainda que a professora Moura Neves não faça referência direta às funções de Jakobson, e discuta a Escola de Praga levando

em consideração outros temas, como a perspectiva funcional da sentença (1997), a questão da gramática – morfologia, sintaxe, semântica – e a questão literária ocupam uma posição decisiva na obra de ambos os autores.

A metalinguagem, é preciso sublinhar, tem lugar especial nas reflexões de Maria Helena de Moura Neves (1997; 2018). O exercício metalinguístico nasce quando a língua fala de si mesma, revela seus mecanismos internos; os processos de construção do texto tornam-se evidentes. A metalinguagem permite à linguagem explicar e refletir sobre sua própria estrutura – um aspecto decisivo para os diálogos entre linguística e literatura explorados neste estudo. A obra de Moura Neves lê a gramática por intermédio do discurso poético. Para a autora, os versos e as estrofes desvendam as artimanhas da sintaxe, da morfologia e da semântica.

2.1 A função poética

A função poética manifesta-se nos textos literários e evidencia os mecanismos que levam Roman Jakobson a demonstrar como a linguística pode contribuir para a compreensão das construções gramaticais presentes na literatura. Esse estudo preocupa-se com os traços distintivos do discurso poético, recorrentes em toda obra literária. Nessa perspectiva, é necessário compreender certos mecanismos próprios da linguagem poética, expostos por Jakobson no ensaio “Linguística e Poética”, publicado em *Linguística e Comunicação* (1972).

Para compreender a proposta do Mestre Russo, é importante considerar as influências do Círculo Linguístico de Moscou (Lopes, 1997), que aprofundou a análise do discurso literário e definiu a poética como uma marca linguístico-discursiva. Jakobson amplia essa discussão, levando-a ao campo geral da linguística.

O alcance da função poética vai além da poesia. Ela pode estar presente em outros gêneros discursivos – como o cinematográfico, o fotográfico, entre outros. Não se restringe ao texto literário, mas a toda manifestação discursiva em que a forma da mensagem é enfatizada. Na literatura, porém, ela é predominante, pois é nesse domínio que a mensagem se torna o centro da comunicação. A função poética projeta valores estéticos no discurso por meio de rearranjos gramaticais.

Outro estudo essencial para a compreensão da poética aparece no capítulo “Dois Aspectos da Linguagem e Dois Tipos de Afasia”, também em *Linguística e Comunicação* (1972).

Embora trate de psicolinguística, o texto retoma os conceitos de Saussure – como língua/fala e sintagma/paradigma – para explicar os mecanismos de articulação linguística presentes na comunicação de indivíduos com afasia.

Jakobson analisa as articulações sintáticas da linguagem, tanto sintagmáticas quanto paradigmáticas, que se manifestam em todos os discursos. Em contextos específicos, como nos textos literários e nos discursos afásicos, tais articulações sofrem desvios da norma, gerando efeitos gramaticais inesperados. Nesses casos, projeta-se “o princípio de equivalência do eixo de seleção sobre o eixo de combinação” (Jakobson, 1972, p. 130).

Segundo o autor, a seleção paradigmática envolve repertórios lexicais organizados que oferecem opções de escolha. Já a combinação sintagmática refere-se à junção de unidades linguísticas:

Isto quer dizer: a seleção (e, correlativamente a substituição) concerne às entidades associadas ao código, mas não a mensagem dada, ao passo que no caso de combinação as entidades estão associadas em ambos ou somente a mensagem efetiva. O destinatário percebe que o enunciado dado (mensagem) é uma combinação de partes constituintes (frases, palavras, fonemas etc.) selecionadas de todas as partes constituintes possíveis (código) (Jakobson, 1972, p. 40).

A seleção diz respeito aos elementos internos da linguagem; a combinação, aos elementos externos. Ambos precisam estar alinhados – por similaridade e por contiguidade – para que a mensagem se realize de forma eficaz. Nos distúrbios afásicos, há comprometimento dessas operações. Como ocorre na função poética, há um desvio da norma, uma vez que a fala implica selecionar e combinar entidades complexas conforme as regras sociais e linguísticas.

Essa dissolução apresenta uma ordem temporal de grande regularidade. A regressão afásica se revelou um espelho de aquisição de sons da fala pela criança; ela mostra o desenvolvimento da criança ao inverso. Mais ainda, a comparação entre a linguagem infantil e a afasia nos permite estabelecer diversas leis de implicação (Jakobson, 1972, p. 36).

O conceito central, que merece destaque, é que “quem fala seleciona palavras e as combina em frases” (Jakobson, 1972, p. 37), segundo o sistema linguístico compartilhado com o interlocutor.

Mas o que fala não é de modo algum um agente completamente livre na sua escolha de palavras: a seleção (exceto nos raros casos de efetivo neologismo) deve ser feita a partir do repertório lexical que ele próprio e o destinatário da mensagem possuem em comum (Jakobson, 1972, p. 37).

O ato comunicativo, portanto, opera dentro de possibilidades preestabelecidas. A produção textual depende da articulação entre seleção e combinação – processos que, nos discursos sociais, seguem as variações linguísticas impostas pela dinâmica da sociedade.

No caso da afasia, ambos os processos – seleção/substituição e combinação/contextura – são afetados. Nos distúrbios de seleção, que Jakobson classifica como afasia do primeiro tipo, a capacidade de substituir elementos é comprometida, e o contexto torna-se determinante. Nesses casos, os pacientes se apoiam na contiguidade, o que explica a recorrência de formas metonímicas (Jakobson, 1972, p. 44). Já nos distúrbios de contiguidade, é a combinação que está prejudicada; nesses, prevalece a estrutura interna da língua, baseada na similaridade. Jakobson esclarece que, diante da falha no contexto, o afásico “usa as similitudes, e as suas identificações aproximadas de natureza metafórica [...]” (Jakobson, 1972, p. 52).

Esses estudos revelam uma associação entre metáfora e combinação/sintagma, e entre metonímia e seleção/paradigma. Tais relações são centrais na construção do discurso literário, cujos efeitos poéticos decorrem, muitas vezes, da subversão desses processos.

No discurso literário, a função poética promove o desvio deliberado das normas sintáticas, criando efeitos estéticos e de sentido. Jakobson observa:

O desenvolvimento de um discurso pode ocorrer segundo duas linhas semânticas diferentes: tema (*topic*) pode levar a outro quer por similaridade, quer por contiguidade. O mais acertado seria talvez falar do processo metafórico no primeiro caso, e de processo metonímico no segundo, de vez que eles encontram sua expressão mais condensada na metáfora e na metonímia respectivamente (Jakobson, 1972, p. 55).

Essas relações decorrem dos dois movimentos sintáticos fundamentais: seleção paradigmática e combinação sintagmática. A partir deles, estruturam-se os efeitos metafóricos e metonímicos da linguagem literária. Jakobson explica:

Uma vez que a todo nível verbal – morfológico, léxico, sintático e fraseológico – uma ou outra dessas duas relações (similaridade ou contiguidade) pode aparecer e cada qual num ou noutro de seus aspectos – uma gama impressionante de configurações possíveis se cria (Jakobson, 1972, p. 57).

A mensagem é o eixo sobre o qual se constrói a função poética. Nos textos literários e em alguns outros discursos, observam-se irregularidades sintáticas. A equivalência torna-se, nesses casos, o princípio que orienta não apenas a seleção, mas a própria combinação. A inversão do

eixo paradigmático sobre o sintagmático cria padrões de repetição e paralelismo que são explorados como recurso expressivo. Jakobson afirma:

A medida de sequência é um recurso que, fora da função poética, não encontra aplicação na linguagem. Somente em poesia, com sua reiteração regular de unidades equivalentes, é que se tem experiência do fluxo verbal, como acontece – para citar outro padrão semiótico – com o tempo musical (Jakobson, 1972, p. 131).

Ao comentar esses princípios, Edward Lopes observa que “a função poética é, simplesmente, um produto verbal, construído sobre os princípios do desvio do paralelismo, que, deformando o objeto significante, destroem o automatismo da percepção” (Lopes, 1997, p. 279). Tais mecanismos conferem à função poética seu papel estruturante no discurso literário.

Jakobson vai além: propõe que metáfora e metonímia se estendem aos processos simbólicos da linguagem em geral. A relação entre significados por similaridade ou contiguidade orienta não apenas figuras de linguagem, mas também sistemas metalinguísticos: “A similaridade das significações relaciona os símbolos de uma metalinguagem com os símbolos da linguagem a que ela se refere. A similitude relaciona um termo metafórico com o termo que o substitui” (Jakobson, 1972, p. 61).

A função poética, portanto, está vinculada ao princípio da similaridade. O paralelismo métrico dos versos, a equivalência fônica das rimas, os contrastes semânticos – todos esses recursos estão subordinados à lógica da semelhança. Jakobson sintetiza:

O princípio de similaridade domina a poesia; o paralelismo métrico dos versos ou a equivalência fônica das rimas impõem o problema da similitude e do contraste semânticos; existem, por exemplo rimas gramaticais e antigramaticais, mas nunca rimas agramaticais. Pelo contrário, a prosa gira essencialmente em torno de relações de contiguidade. Portanto, a metáfora para a poesia, e a metonímia, para a prosa, constituem a linha de menor resistência, o que explica que as pesquisas acerca dos tropos poéticos se orientem principalmente para a metáfora (Jakobson, 1972, p. 62).

Metáforas e metonímias produzem efeitos de sentido mediados pelas relações semânticas ativas no discurso. Esses processos não apenas estruturam o texto literário, mas também fundamentam uma teoria linguística da criação poética.

2.2 Poética e Literatura

Ao refletir sobre a obra de Roman Jakobson em temas relacionados à função poética, torna-se evidente como a linguística, a análise dos mecanismos gramaticais e a compreensão das estruturas frasais contribuem decisivamente para a leitura da obra literária. O linguista russo alerta para o fato de que linguística e estudos literários são faces complementares de um mesmo objeto: o discurso produzido pela cultura.

Sob essa perspectiva, autores como Jakobson abriram caminhos para o diálogo entre linguística e literatura, que foram seguidos por teóricos como Roland Barthes. Nesses estudos, destacam-se conceitos saussurianos – como sintagma e paradigma – e a subversão da norma sintática. Jakobson entende a língua como um sistema de signos que se combinam para formar a mensagem conforme o contexto. O estudo da poética, nesse sentido, aproxima-se das estruturas verbais e reforça os vínculos entre linguística e literatura.

A linguagem literária, diferentemente de outros gêneros discursivos, tem na função poética seu centro de organização. Caracteriza-se por uma expressividade singular e por formas específicas de construção, especialmente nos níveis lexical e sintático. A elaboração literária aponta para uma arquitetura gramatical própria, marcada por desvios significativos da norma.

O estudo da literatura, por sua vez, segue um percurso histórico que reflete transformações sociais e culturais. Ele explora, sob o olhar da história, os fenômenos linguísticos que convertem a mensagem literária em textos poéticos. Jakobson insiste nessa dimensão poética da literatura e afirma, ainda, que textos literários também podem ser compreendidos à luz da linguística, especialmente pelas articulações entre sintagma e paradigma que sustentam as construções poéticas.

Até meados do século XIX, a literatura esteve associada aos interesses das classes dominantes:

Tradicionalmente ligada às classes dominantes, a literatura serviria obedientemente ao poder, instalando-se privilegiadamente nas mãos da burguesia culta, endinheirada, de cujos interesses e visões transvertidos de “valores humanistas” se fizera nobre megafone até os finais do século XIX (Lopes, 1997, p 177).

Posteriormente, a literatura adquire centralidade em momentos históricos decisivos, passando a desempenhar um papel social mais ativo. Isso leva a uma reconfiguração da linguagem, alinhando-a aos movimentos sociais do período. Nesse contexto, emergem questionamentos sobre o impacto social da literatura: “o que é que ela faz com as pessoas com

isso que ela diz” (Lopes, 1997, p. 178). Esses questionamentos abandonam os modelos tradicionais e provocam críticas aos antigos valores humanistas.

Foi no âmbito do Círculo de Moscou que Jakobson, com outros pesquisadores, dedicou-se ao estudo da linguagem poética:

[...] a despeito de sabermos que os moscovitas estavam mais particularmente interessados na construção de uma fonética/fonologia e na sistematização dos estudos das línguas e dialetos eslavos, ao passo que os problemas capitais petersburguenses eram a definição do procedimento de construção – ou princípio de composição (do russo *priem*) –, a definição de função poética (função literária) da linguagem e a sistemática observação dos efeitos de sentido, que vão chamar de singularização ou estranhamento (Lopes, 1997, p. 186).

Esses estudos revelam como os fenômenos gramaticais são constitutivos da linguagem literária. As contribuições de Jakobson ao entendimento do fazer poético foram decisivas para a análise das formas, dos mecanismos da língua e da própria estrutura literária (Lopes, 1997, p. 189).

As ideias apresentadas neste capítulo evidenciam que o texto literário rompe barreiras estéticas e produz sentidos inéditos. Um exemplo disso é o poema visual “Vejo Miro”, de Arnaldo Antunes – artista que transita entre a música, as artes plásticas e a literatura. Nos poemas visuais, o autor explora jogos lexicais e construções sintáticas que evidenciam como os mecanismos gramaticais operam nesse tipo de discurso; nesse contexto, não se pode ignorar a questão sintática como articulação entre seleção paradigmática e combinação sintagmática.

Trata-se das articulações entre a seleção nas categorias paradigmáticas – que, nas línguas, assumem contornos semânticos e morfológicos e se constituem como unidades do léxico – e a combinação desses elementos a partir das diretrizes do eixo sintático.

O poema de Antunes chama atenção por sua estrutura sincrética – formada por diferentes sistemas semióticos –, pelo uso expressivo da cor, pelas combinações sintáticas inusitadas, pela maneira como os verbos *ver* e *mirar* aparecem no poema, e pela disposição gráfica das letras. Ou seja, há recursos da gramática sincrética que subvertem a linearidade sintática tradicional e dão corpo ao texto poético.

No entanto, é preciso frisar que subjaz à superfície textual – aquém do texto sincrético com cores e verbos – um eixo sintático marcado pelos mesmos movimentos de seleção e combinação que direcionam as articulações sintáticas da língua e se estendem por toda a

linguagem. A poética fica encarregada de subverter, desviar e surpreender com relações sintáticas inesperadas, combinações inusitadas que despertam a dimensão patêmica do discurso, sejam quais forem os sistemas semióticos envolvidos.

Figura 1: Poema “Vejo Miro”, de Arnaldo Antunes



Fonte: Antunes (2002).

A construção é simples – “vejo com um beijo / miro como um tiro” –, mas as escolhas lexicais e a organização sintática transgridem a norma. Essa ruptura revela uma linguagem diversa e permite uma interação singular com o leitor. O poema reafirma as observações de Jakobson quanto à presença da função poética para além da literatura. A poética é, antes de tudo, uma operação semiótica: manifesta-se na pintura, nas artes gráficas e em múltiplas formas expressivas. No exemplo em questão, o poeta utiliza um advérbio de modo implícito para expressar a maneira como a ação se realiza: “miro como um tiro” – rápido, direto. A linguagem privilegia a mensagem, reinventando formas e sentidos.

Outro elemento a destacar é a dimensão fonético-fonológica do poema, que confere sonoridade própria ao texto poético. A semivogal “i” desaparece em “beijo”, formando rima com “vejo”. Esse recurso prosódico é característico da função poética. Como afirma Jakobson (1972, p. 144), “a rima, por definição, se baseia na recorrência regular de fonemas equivalentes”. As palavras “vejo” / “beijo” e “miro” / “tiro” estabelecem rimas sonoras e visuais. No segundo par, além

da sonoridade, há identidade gráfica. A contagem da rima a partir da sílaba tônica revela efeitos morfológicos, como o silenciamento do ditongo sob a prosódia da frase.

A sonoridade é um dos aspectos mais significativos da função poética, mas não é o único. Jakobson também ressalta como a subversão dos movimentos sintáticos de seleção e combinação, por meio dos eixos paradigmático e sintagmático, constitui o cerne da construção poética. Como explicam Guerra e Silveira:

A equivalência é colocada em ação em todos os níveis no discurso poético, no nível fonológico, morfológico e semântico. Jakobson busca na teoria saussuriana as razões linguísticas para a compreensão dos sons da linguagem; trata-se do valor linguístico do som. A rima, nesse contexto, é a expressão do jogo de fonemas a serviço da construção do verso. Vemos, aqui, essa definição linguística dos assuntos da literatura. Os mecanismos da linguagem poética são explicados por meio de mecanismos gramaticais (Guerra; Silveira, 2017, p. 176).

De fato, as escolhas lexicais do poeta conferem poeticidade à obra e fazem emergir sentidos múltiplos. A nova disposição das palavras cria novas formas de significar. O poeta pretende comunicar efeitos expressivos por meio de uma sintaxe ousada. O texto poético não é desorganizado nem um simples desvio da norma: é uma reconfiguração gramatical orientada por propósitos comunicativos e estéticos. Ele indica, em sua estrutura, a melhor forma de expressar determinados sentidos.

Lopes (1997) e Barthes (2004) expõem que a poética em Jakobson está ligada ao discurso, à língua posta em ação. Não é apenas na obra literária que a função poética se vincula aos mecanismos discursivos; em todas as manifestações de linguagem em que ela se manifesta, refere-se sempre ao processo, ao discurso, à linguagem em uso.

É importante destacar, mais uma vez, que o texto de Antunes apresenta todas essas características do discurso poético. É pela sonoridade da fala que o ditongo presente em “beijo” desaparece na rima; a construção gráfica do poema assemelha-se à de um cartaz, outdoor ou outras formas presentes na comunicação cotidiana; as combinações sintáticas dos lexemas remetem ao desleixo característico da fala. Assim, observa-se como a perspectiva discursiva de Roman Jakobson vai se consolidando na análise da obra poética.

Outra obra que pode ser analisada com base nas ideias de Jakobson, especialmente quanto à sintaxe paradigmática, é o conto de Ricardo Ramos, “Circuito Fechado” (1972), no qual

as ideias se articulam por meio de escolhas paradigmáticas que fazem com que a similaridade do paradigma se transforme em sequência sintagmática, ou seja, sintática:

Chinelo, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme para cabelo, pente. Cueca, camisa, abotoadura, calça, meias, sapatos, gravata, paletó. Carteira, níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço, relógio. Jornal. Mesa, cadeiras, xícara e pires, prato, bule, talheres, guardanapo. Quadros. Pasta, carro. Mesa e poltrona, cadeira, papéis, telefone, agenda, copo com lápis, canetas, bloco de notas, espátula, pastas, caixas de entrada, de saída, vaso com plantas, quadros, papéis, telefone. Bandeja, xícara pequena. Papéis, telefone, relatórios, cartas, notas, vale, cheques, memorando, bilhetes, telefone, papéis. Relógio, mesa, cavalete, cadeiras, esboços de anúncios, fotos, bloco de papel, caneta, projetor de filmes, xícara, cartaz, lápis, cigarro, fósforo, quadro-negro, giz, papel. Mictório, pia, água. Táxi. Mesa, toalha, cadeira, copo, pratos, talheres, garrafa, guardanapo, xícara. Escova de dentes, pasta, água. Mesa e poltrona, papéis, telefone, revista, copo de papel, telefone interno, externo, papéis, prova de anúncio, caneta e papel, telefone, papéis, prova de anúncio, caneta e papel, relógio, papel, pasta, cigarro, fósforo, papel e caneta. Carro. Paletó, gravata. Poltrona, copo, revista. Quadros. Mesas, cadeiras, prato, talheres, copos, guardanapos. Xícaras. Poltrona, livro. Televisor, poltrona. Abotoaduras, camisa, sapatos, meias, calça, cueca, pijama, chinelos. Vaso, descarga, pia, água, escova, creme dental, espuma, água. Chinelo. Coberta, cama, travesseiro (Ramos, 1972, p. 21).

Nesse conto, o paradigma orienta a construção sintática: é a similaridade entre os elementos paradigmáticos que conduz a organização frasal. O autor seleciona itens do paradigma nominal, formando uma sequência de nomes que estruturam a narrativa literária. O texto, composto majoritariamente por substantivos – com exceção de poucas preposições –, constrói uma ideia de rotina. Um exemplo marcante disso é: “Chinelo, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água...”.

Esses sintagmas nominais conectam-se por meio de relações morfológicas e semânticas e são organizados de maneira que, ao contrariar a norma do discurso coloquial, um termo não exclui o outro. Pelo contrário: é a similaridade que articula o sintagma. O sentido emerge de modo diverso, por meio de novas formas morfossintáticas. As palavras se relacionam entre si por equivalência, e essa articulação semântica costura a sintaxe do verso, proporcionando novas regências pela ausência do sintagma verbal.

Ao realizar suas escolhas gramaticais, o autor seleciona, no paradigma lexical, elementos capazes de construir novos sentidos. As estruturas utilizadas por Ricardo Ramos ilustram como

Jakobson amplia os conceitos de sintagma e paradigma, atribuindo-lhes novas funções dentro do texto poético.

3 Poética, Metalinguagem e Linguística

O conceito de função poética foi proposto pelos estudiosos da Escola de Praga por ocasião da apresentação das Teses de Praga no Primeiro Congresso Internacional de Linguistas, em Haia (1928), no Primeiro Congresso Internacional dos Eslavistas, em Praga (1929), e no Primeiro Congresso Internacional das Ciências Fonéticas, em Amsterdã (1932). Durante esses congressos, as três Teses foram expostas, sendo que a terceira propõe a questão da função poética.

Como apontado anteriormente, o conceito de função poética marca de modo definitivo a profunda relação entre linguística e literatura. As Teses explicam, por meio da função poética, como conceitos linguísticos contribuem para a compreensão do texto literário. Jakobson, como sublinha Barthes, oferece uma base linguística para a análise literária. Trata-se, nesse caso, da linguística auxiliando a literatura a compreender o fazer poético e da literatura contribuindo para que a linguística compreenda os limites da morfossintaxe.

Por um ângulo diverso, observa-se o trabalho da linguista brasileira Maria Helena de Moura Neves, que mostra como os textos literários podem aclarar as relações gramaticais da frase. A mensagem poética pode configurar relações metalinguísticas claras, que evidenciam a gramática da frase e iluminam os mecanismos sintáticos do verso.

Temos, assim, não apenas Jakobson e a função poética afirmando os laços entre linguística e literatura, mas também a contribuição de linguistas que seguem bases teóricas distintas, como Moura Neves, demonstrando como as articulações da gramática são desvendadas pelos mecanismos da poética. O exercício da metalinguagem torna-se mais amplo quando se observam os mecanismos poéticos nas obras literárias.

Na obra *A Gramática Funcional* (1997), a linguista trabalha com bases teóricas distintas daquelas presentes em Barthes e nos autores que, a partir do Círculo de Praga e de outros Círculos Linguísticos da primeira metade do século XX, seguiram os caminhos saussurianos. Ela

se distancia da linguística centrada no signo como valor e adota outra vertente das Ciências da Linguagem: a Pragmática.

É importante lembrar que a Linguística Funcional Norte-Americana se afasta do modelo da Escola de Praga ao recontextualizar a questão da língua, propondo o signo como representação. Não se pode esquecer, aqui, que a dimensão social do discurso já está presente nas análises desde Saussure – para quem a língua é fato social –, passa por Jakobson e prossegue nos modelos funcionais.

Moura Neves discute, com base em modelos funcionais e em dimensões pragmáticas, as relações gramaticais do texto, considerando o contexto de uso. Apresenta a gramática a partir do uso das expressões linguísticas na interação verbal, o que pressupõe a pragmatização do componente sintático-semântico do modelo linguístico.

Essas ideias reaparecem como fundamentos teóricos em outra obra da autora, também de base funcionalista: *A gramática do Português revelada em textos* (2018). Por caminhos diversos dos de Barthes e de outros herdeiros de Jakobson, essa obra testemunha de forma clara a relação intrínseca entre linguística, literatura e gramática. A linguista utiliza obras literárias para investigar as profundas interdependências entre essas áreas, configurando uma importante estratégia de articulação entre linguística e literatura.

A *Gramática* de Moura Neves é um exercício de metalinguagem – a língua explica a estrutura e funcionamento da língua – seguindo uma perspectiva pedagógica. A obra dá ênfase ao ensino a partir de textos literários e outros gêneros (NEVES, 2018, p. 19). Em *A gramática do Português revelada em textos* (2018), a autora reúne produções de músicos, poetas e escritores – nomes como Paulo Leminski, Noel Rosa, Verissimo, Raul Pompéia – que oferecem textos capazes de demonstrar as relações gramaticais intrínsecas ao discurso literário.

Do ponto de vista das funções da linguagem propostas por Jakobson, a gramática de Moura Neves evidencia a coocorrência das funções poética e metalinguística nesses textos, toda a estrutura morfossintática torna-se perceptível, permitindo que os mecanismos gramaticais se revelem com clareza. As construções morfossintáticas e semânticas do poema são, assim, explicitadas com nitidez.

O poema de Leminski transcrito abaixo ilustra esse trabalho de Neves, recorrendo à literatura para explicitar relações gramaticais. Embora, por vezes, a autora mantenha a literatura no lugar tradicional de desvio da norma – como propõem muitos estudos de linguística e literatura

–, ao longo do livro vai demonstrando que não se trata apenas disso. Considerando as propostas de Jakobson sobre a função poética, é possível observar que a mensagem revela movimentos sintáticos de seleção e equivalência, responsáveis pela exposição da complexa dinâmica das regras do sistema na superfície textual.

“O assassino era o escriba”

Meu professor de análise sintática era o tipo do sujeito inexistente.

Um pleonasma, o principal predicado de sua vida,
regular como um paradigma da 1ª conjunção.

Entre uma oração subordinada e um adjunto adverbial,
ele não tinha dúvidas: sempre achava um jeito
assindético de nos torturar com um aposto.

Casou com uma regência.

Foi infeliz.

Era possessivo como um pronome.

E ela era bitransitiva.

Tentou ir para os EUA.

Não deu.

Acharam um artigo indefinido na sua bagagem.

A interjeição do bigode declinava partículas expletivas,
conectivos e agentes da passiva o tempo todo.

Um dia, matei-o com um objeto direto na cabeça.

Fonte: Leminski (1985, p. 144).

A análise desse poema é frequentemente utilizada em salas de aula como material didático em disciplinas de Língua Portuguesa e áreas afins. A proposta do autor é brincar com a linguagem, tratando a gramática de forma lúdica, sob a leveza da poética. Ainda sob os olhares de Jakobson, nota-se que as escolhas lexicais embaralham as fronteiras semânticas, mesclando a poética à metalinguística. As referências nominais do texto remetem à metalinguagem gramatical. Elementos como “sujeito inexistente”, “pleonasma”, “predicado”, “oração subordinada” e outros aparecem no poema para dar vida às categorias da gramática. Essa subversão dos versos sugere uma nova hierarquia nas análises, contribuindo para a construção de uma persona no poema e produzindo um efeito cômico na narrativa.

Moura Neves (2018), por seu turno, entende que a organização e a seleção lexical produzem um efeito diferenciado, com um sentido próprio no momento da leitura. O desvio deixa o caráter de ruptura para se tornar uma das possibilidades do sistema, para além das coerções normativas, reveladas com o auxílio da função poética.

A autora prossegue suas análises gramaticais com a prosa literária de Machado de Assis, exemplificando um dos temas mais debatidos pelos teóricos funcionalistas: a ordem das palavras. Por meio de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Neves mostra como as estruturas gramaticais pré-determinadas entre substantivos e adjetivos no português são alteradas na prosa machadiana. Explica que, na linguagem usual do português do Brasil, não é comum o uso de adjetivos antepostos ao substantivo; aprende-se que a forma mais adequada seria “a cadeira é azul”, e não “azul é a cadeira”. Contudo, tais escolhas são subvertidas na sintaxe e no léxico, de modo a enfatizar a expressividade. Essas possibilidades combinatórias são desveladas pela literatura. Machado de Assis explora diferentes formas de construção, como se observa na passagem inicial de *Memórias Póstumas*:

Algun tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo (Machado de Assis, 1994, p. 2).

Na construção sintática “defunto autor”, temos o substantivo “autor” modificado por um adjetivo anteposto, o que não é usual na estrutura normativa. Moura Neves explica os mecanismos de construção dos sintagmas na frase, com base em estruturas literárias cuja função poética permite novas combinações sintáticas. Ao selecionar e combinar os elementos de modo distinto, Machado de Assis confere um novo sentido ao sintagma. “Autor defunto” transforma-se em “defunto autor”, assumindo novos significados.

Se intercruzarmos as palavras de Jakobson com as de Moura Neves, vemos que esses mecanismos de combinação, essa outra ordem sintática de combinação das palavras, essa ordem sintática diversa da construção do sintagma, esses mecanismos são elucidados graças às possibilidades do sistema abertas pela posição decisiva que a função poética ocupa no discurso literário.

Cabe ainda lembrar a obra de Ricardo Ramos, já destacada anteriormente, na qual essa nova ordem das palavras implica uma subversão, demonstrando que a língua é repleta de possibilidades e mecanismos variados. O conto “Circuito Fechado” (1972), como já discutido, apresenta peculiaridades na maneira como subverte a sintaxe. A ordem das palavras e a seleção lexical ordinária e usual no português não são seguidas no conto. A ordem sintática tradicional da língua portuguesa estabelece que as funções sintáticas sejam organizadas de modo a colocar um nome na posição de sujeito, um verbo como predicado e, a seguir, os complementos. No conto de Ramos, os nomes são organizados de forma a ocupar todas as posições sintáticas da frase, exercendo, também, as balizas temporais que conferem à frase o estatuto de oração na composição sintática do conto. Trata-se de uma ordem das palavras que se distancia dos moldes canônicos da gramática. Esse conto de Ricardo Ramos integra a obra *A gramática do Português revelada em textos* (2018), de Moura Neves, justamente para ilustrar os recursos sintáticos do discurso.

O conto de Ricardo Ramos é apresentado por Moura Neves (2018) como uma possibilidade de estudo gramatical baseada em textos poéticos que falem do cotidiano, alinhando-se à proposta funcional da autora. No conto, é possível observar peculiaridades que subvertem, sobretudo, os padrões usuais de coesão textual. Novas possibilidades de coesão na narrativa são ali exploradas. Há uma ligação semântica entre os termos, construída por meio de similaridades paradigmáticas, que acaba por sustentar toda a combinação sintática do sintagma.

Do ponto de vista de Roman Jakobson, Moura Neves trabalha com pontos de intersecção entre a poética e a metalinguagem. Busca, na poética, as razões intrínsecas da gramática que descortinam a estrutura e a função gramatical. Nesse sentido, realiza uma inversão à afirmação de Barthes sobre Jakobson, quando este afirma que aquele deu a linguística de presente à literatura (Neves, 2012, p. 204). Moura Neves inverte o sentido da relação que Barthes – retomando Jakobson – destaca entre linguística e literatura: para Barthes, a linguística é um presente valioso para desvendar os mistérios da literatura; em sentido inverso, Moura Neves nos lembra que a obra literária constitui um espaço privilegiado para observar e admirar as relações profundas da gramática. É possível dizer, então, que a linguista brasileira oferece um presente à linguística: dá à ciência linguística a literatura como um belo presente.

Todos esses mecanismos são amplamente analisados a partir de ideias que entrelaçam linguística e literatura. A gramática penetra a literatura, e esta, por meio das liberdades sintáticas que lhe são próprias, desnuda as relações gramaticais do verso.

4 Linguística e Literaturas: a contribuição dos vários caminhos do funcionalismo

As ideias aqui apresentadas procuram fornecer elementos que contribuam para estabelecer algumas balizas à reflexão e ao debate sobre as relações entre os campos da linguística e da literatura. Muitas vezes, esse debate é negligenciado por envolver zonas ambíguas e nebulosas, alheias a territórios já consolidados no meio acadêmico.

As relações entre linguística e literatura apresentadas neste trabalho buscam compreender como os estudos literários e os estudos linguísticos dialogam, tendo como base as discussões de dois pesquisadores importantes no panorama geral da Linguística: o linguista russo do século XX, Roman Jakobson, e a linguista brasileira deste século, Maria Helena de Moura Neves. Ambos privilegiam uma visão funcionalista da linguagem – seja com o pioneiro estruturalismo funcional do Círculo de Praga no início do século XX, com Jakobson; seja com o funcionalismo de bases pragmáticas da escola anglo-americana, com a Moura Neves.

São vozes diferentes, em momentos históricos distintos e com recortes diversos do objeto – a linguagem. Para Jakobson, a língua é um sistema de valores que se estrutura com base nas diferenças funcionais. A gramática, nesse contexto, é concebida como uma estrutura funcional, cujo jogo entre identidades e diferenças gera os valores que dão sentido à comunicação social cotidiana. Moura Neves, por sua vez, fundamenta-se na pragmática e no funcionalismo anglo-americano contemporâneo. Este também é fruto do Círculo de Praga, pois é ali, nas teses de 1928 e 1929 (Paveau; Sarfati, 2006), que os pragueanos propõem a língua como comunicação discursiva, cujas identidades e diferenças assumem um caráter funcional e estabelecem as funções comunicativas responsáveis pelo desenvolvimento da linguagem em uso. A concepção de uma gramática funcional tem origem justamente em Praga, nos anos vinte do século passado.

É especialmente essa concepção funcional que, como já destacamos, foi levada à linguística anglo-americana e repensada, redimensionada, a partir dos pressupostos da Pragmática, já bastante desenvolvida pelos britânicos de Cambridge e Oxford.

Jakobson apresenta os fatores da comunicação – emissor, receptor, código, mensagem, contexto e canal – e enfatiza que a mensagem está ligada à função poética. Para estabelecer essa relação, Jakobson e, também, Barthes analisam obras literárias e esclarecem mecanismos do sintagma e do paradigma, revelando as tramas da sintaxe, da morfologia e da semântica na poética. O linguista russo e o linguista francês acreditam que, por meio da subversão das estruturas gramaticais, é possível transmitir novos sentidos nos enunciados poéticos. Assim, utilizam elementos linguísticos para compreender obras literárias.

Moura Neves, por seu turno, enfatiza que, por meio dos textos literários, a gramática da língua pode ser desvendada e compreendida na amplitude dos usos e possibilidades da linguagem. A autora aborda a metalinguagem – a gramática – e o discurso literário – a poética – como chaves para compreender as estruturas e as construções sintáticas presentes no uso social da língua.

A língua não é algo fixo ou estagnado; por isso, as relações aqui estabelecidas entre linguística e literatura permitem permear a linguagem em suas diversas manifestações, sempre de forma múltipla. Os mecanismos pelos quais a linguagem se constitui nas relações sociais são objeto tanto da literatura quanto da linguística, não importando o ângulo a partir do qual o olhar literário ou gramatical se oriente. Linguística e literatura estão uma a serviço da outra: a literatura oferece discursos novos, construídos com intenções diversas, enquanto a linguística fornece caminhos para compreender as estruturas das obras e, assim, apontar sentidos.

Roman Jakobson, Roland Barthes e Maria Helena de Moura Neves são alguns dos nomes, entre tantos, que transitam entre a linguística e a literatura, apontando convergências e divergências que exigem reflexão, debate e crítica para que o campo da linguagem avance e possa dar conta da variedade de discursos sincréticos que emergem com o advento das novas mídias digitais. O debate, nem sempre consensual, provoca novos olhares capazes de lidar com os horizontes digitais contemporâneos, ainda carentes de uma discussão científica sólida que oriente as novas diretrizes sociais para esses meios de comunicação.

CRediT
Reconhecimentos:
Financiamento: Não é aplicável.
Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

Aprovação ética: Não é aplicável.

Contribuições dos autores:

ROSA, Camila de Fátima

Conceitualização, Análise formal, Investigação, Metodologia, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição.

GUERRA, Maria José

Conceitualização, Análise formal, Investigação, Metodologia, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição.

SILVEIRA, Marcelo

Conceitualização, Análise formal, Investigação, Metodologia, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição.

Referências

ANTUNES, Arnaldo. *Palavra desordem*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GUERRA, Maria José; SILVEIRA, Marcelo. Linguística, poética e sintaxe. In: PINHEIRO, Clemilton Lopes; LIMA, Maria Hozanete Alves de. *Diálogos: Saussure e os estudos linguísticos contemporâneos*. v. 3. Natal: EDUFRN, 2017. p. 164-183.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1972.

LEMINSKI, Paulo. *Caprichos e relaxos*. 5. ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1991.

LOPES, Edward. *Identidade e Diferença*. São Paulo: EDUESP, 1997.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A Gramática do Português revelada em textos*. São Paulo: Unesp, 2018.

PARVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Élia. *As grandes teorias linguísticas – da gramática comparada à pragmática*. São Carlos: Claraluz, 2006.

RAMOS, Ricardo. *Circuito Fechado*: contos. São Paulo: Martins, 1972.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. 26. ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995 [1916].